

## Ironia, ganância e história dos tempos bíblicos aos modernos – uma leitura de “Na arca”, de Machado de Assis

Irony, greed and history from biblical times to modern times – a reading of “Na arca” by Machado de Assis

Tiago Marcenos Ferreira da Silva

Universidade de Brasília  
tiago.litteratus@gmail.com

**Palavras-chave:** Bíblia, Machado de Assis, Arca de Noé, ironia, História, ganância.  
**Keywords:** Bible, Machado de Assis, Noah’s ark, Irony, History, Greed.

As referências e citações bíblicas avultam na produção de Machado de Assis, o que evidencia a familiaridade do autor com o livro sagrado, sem, contudo, ser a confirmação de uma manifesta religiosidade. Desde as dedicatórias dos romances e livros de contos a comparações irônicas e abertamente desrespeitosas, como a de Brás Cubas que se compara a Moisés já no início de suas Memórias<sup>1</sup>, vê-se o quanto o texto bíblico contribuiu para a composição artística de Machado em sua análise sobre a realidade brasileira.

Nas narrativas em que os aspectos religiosos são mais claramente utilizados, há mais do que uma mera abordagem do tema religioso: o autor trabalha com uma escrita que se estrutura em dizer o não dito, valendo-se, muitas vezes, de certa ornamentação de suas narrativas com uma roupagem religiosa para nos remeter à configuração histórico-social da sociedade brasileira.

No conto “Na Arca – três capítulos inéditos do Gênesis”, integrante da coletânea *Papéis Avulsos*<sup>2</sup>, Machado vai além das meras referências. Há uma apropriação do texto bíblico, na própria construção do conto, que pretende ser uma

<sup>1</sup> *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, cap. I.

<sup>2</sup> Publicado em 1882, *Papéis avulsos* é a primeira coletânea de contos da “fase madura” de Machado de Assis. Dentre os contos que integram o livro, destacam-se “O alienista”, “O espelho”, “Teoria do Medalhão”, “A sereníssima república” e “Na arca”.

complementação do primeiro livro das Sagradas Escrituras, mais especificamente do episódio da arca de Noé.

O que se pretende discutir é que esse processo criativo a partir do texto bíblico, conforme se vê na narrativa de “Na arca”, revela a visão crítica do autor, uma vez que relativiza algo tido como sagrado e intocável, invertendo-lhe, de certa forma, o sentido. Além disso, a forma do conto e a temática nele presente abrem espaço para uma reflexão sobre o universal, ao tratar da ganância humana, desde os tempos bíblicos, e também sobre o local, especificamente a realidade brasileira, no que se refere à sua complexa formação, marcada pela disputa territorial e pela propriedade privada, bem como a seu ainda contraditório presente, no qual as marcas do processo colonizador ainda se fazem notórias.

Procura-se entender como, por meio da forma literária machadiana, é possível perceber a realidade histórica ali inscrita, que se faz notar pela configuração artística e pelos recursos utilizados pelo autor para dar a impressão de verdade, para explicar o aparente por meio do oculto. Por mais que haja especificidade na forma de narrar e no conteúdo do conto em questão, o ponto de partida é a obra em si, no modo como se configura artisticamente. Assim, nota-se como as particularidades nela existentes se universalizam, levando a se ter uma outra percepção da história, a partir das contradições por ela iluminadas.

O texto machadiano se mostrará capaz de penetrar no real, mas não por assumir um caráter documental e descritivo. O autor possui a capacidade de narrar a realidade, mesmo que por meio da alegoria bíblica. Embora recorra a um tipo de texto cuja estrutura não se insere mais nos padrões literários vigentes no século XIX, isso não diminui as reflexões ali levantadas, tampouco afasta o autor das questões de seu tempo e de seu país, ou seja, permanece, mesmo no afastamento, o sentimento íntimo de que o próprio autor falava (Assis, II, 2006, p. 803).

O texto bíblico, com o qual o conto dialoga, é, essencialmente, figurativo, porém suas construções figurativas são carregadas da essência humana e ao homem falam, no intuito de doutrinar e instruir, objetivando a aceitação dos princípios divinos nele presentes. Mesmo que se identifique um conteúdo histórico no que a Bíblia narra, prevalece o tom doutrinário, que reforça a pretensão de universalidade e atemporalidade, aspecto característico de textos religiosos com caráter fundador (Auerbach, 2007, p. 11).

Ao recorrer, por meio da ironia e da paródia, ao texto sagrado da cultura judaico-cristã – não fazendo citações como em outros textos, Machado de Assis deixa clara certa relativização do sagrado e, pelo conteúdo que insere no discurso bíblico apropriado, problematiza o seu conteúdo, numa reinterpretação dos fatos narrados no Antigo Testamento, com intuito de discutir o homem e suas contradições, mas também, as questões históricas e políticas que a narrativa do conto deixa ver.

Desde o título do conto, o que fica mais nítido é que se trata de uma reescrita da Bíblia. O subtítulo “três capítulos inéditos do Gênesis” indica a perspectiva irônica assumida pelo autor ao propor suplementar o texto original, continuando de onde este parou – o que sugere um percurso intertextual, além de certo “desrespeito bem-humorado e irônico” (Gledson, 2007) que acompanha o narrador, tendo em vista que ele propõe oferecer novos capítulos de um texto sagrado.

Assumindo a gravidade e a concisão do estilo bíblico, inclusive numerando os parágrafos de seu texto como se fossem versículos, o autor usa as mesmas estratégias que caracterizam o texto hebraico para compor sua narrativa.

Se a ausência de maiores explicações e a precariedade dos elos que unem as partes de uma mesma narrativa caracterizam o estilo bíblico, pode-se dizer que esses elementos estão presentes também no conto machadiano. A narrativa começa de forma abrupta, sem maiores contextualizações por parte do narrador. Note-se, sobre isso, a cena inicial:

1 – Então Noé disse a seus filhos Jafé, Sem e Cam: — Vamos sair da arca, segundo a vontade do Senhor, nós, e nossas mulheres, e todos os animais. A arca tem de parar no cabeço de uma montanha; desceremos a ela. (Assis, 2007, p. 303)

Convém observar que, na Bíblia, pouco se fala sobre o período de cento e cinquenta dias em que Noé, sua mulher, seus três filhos e as mulheres destes passaram na arca durante o dilúvio. É como se o texto machadiano, nesse sentido, preenchesse uma lacuna do texto original. Desse modo, os três capítulos criados pelo escritor poderiam ser situados entre os capítulos 7 e 8 da parte citada do texto sagrado.

Diferentemente do relato tradicional, em que o comportamento de Noé e Cam pode gerar discussões sobre justiça<sup>3</sup>, na versão machadiana são os filhos Sem e Jafé os exemplos de que o ser humano é injusto e ambicioso. Os “três capítulos inéditos do Gênesis” mostram que a corrupção do homem já estava presente sobre a arca e sugerem que a natureza humana já seria má desde sua origem.

No conto, os irmãos Sem, Cam e Jafé discutem sobre uma possível divisão da terra que poderá ser realizada assim que as águas secarem sobre a embarcação. Chegam ao consenso de que cada casal, incluindo o pai e a mulher, terá direito a uma propriedade de quinhentos côvados. Os irmãos concordam que entre a terra de Sem e a de Jafé haverá um rio que as dividirá. O conflito no “Capítulo A” surge quando Sem pergunta ao seu futuro vizinho sobre a propriedade do rio: “a quem pertencerá a água do rio, a corrente?” (Assis, 2007, p. 304). Como modo de resolver o impasse, propõe então fincar um pau no meio do rio e dividi-lo:

14. – “Porque nós possuímos as margens, e não estatuímos nada a respeito da corrente”. E respondeu Jafé que podiam pescar de um e outro lado; mas, divergindo o irmão, propôs dividir o rio em duas partes, fincando um pau no meio. Jafé, porém, disse que a corrente levaria o pau. (Assis, 2007, p. 303)

Diante do comentário de que a correnteza levaria o pau, Sem diz que ficará com o rio e as duas margens e que o irmão deveria descontar o terreno perdido na sua outra margem. Jafé sente-se roubado e menosprezado e diz que quer o rio todo, ameaçando o irmão vizinho de morte: “Pois agora te digo que o rio ficará do

<sup>3</sup> Cf. *Gênesis* 9,18.

meu lado, com ambas as margens, e que se te atreveres a entrar na minha terra, matar-te-ei como Caim matou a seu irmão” (Assis, 2007, p. 303).

Ao recuperar a história anterior ao dilúvio – justamente a que explica a propagação do mal, da discórdia na humanidade, segundo a Bíblia – o autor reforça a ideia da preponderância dos vícios sobre as virtudes, aspecto recorrente em sua obra. Sob a visão bíblica, o mal estava entre os primeiros homens, os primeiros filhos, e permanece com a humanidade, faz parte da natureza humana. É nesse mote que Machado encaminha o conto.

No “Capítulo B”, Cam, o outro filho de Noé, propõe chamar as mulheres dos irmãos para ajudar na solução do caso, contudo é impedido por eles. Depois propõe uma solução: ficaria com o rio e vinte côvados de cada irmão e abriria mão de seu território para apaziguar os dois. Sem e Jafé o ignoram e iniciam uma briga, o que leva Cam a procurar o pai Noé e as mulheres de seus irmãos.

Já no último capítulo, “Capítulo C”, Noé chega e ordena que a briga seja cessada. Jafé e Sem permanecem ensanguentados e contam-lhe o que ocorrera. O pai, então, lhes amaldiçoa dizendo: “Maldito seja o que não me obedecer. [...] Ora, pois, vos digo que, antes de descer a arca, não quero nenhum ajuste a respeito do lugar em que levantareis as tendas” (Assis, 2007, p. 307). A seguir, finalizando o conto, tem-se a seguinte cena:

25 – E alçando os olhos ao céu, porque a portinhola do teto estava levantada, bradou com tristeza:

26 – Eles ainda não possuem a terra e já estão brigando por causa de limites. O que será quando vierem a Turquia e a Rússia?

27 – E nenhum dos filhos de Noé pode entender esta palavra de seu pai.

28 – A arca, porém, continuava a boiar sobre as águas do abismo. (Assis, 2007, p. 307)

Quando o narrador trata de apontar, na narrativa mítica e primordial do Gênesis, o possível nascedouro de conflitos políticos, baseados na disputa territorial entre a Rússia e a Turquia, dois países em constante atrito no tempo de Machado, o narrador sinaliza não só para a possibilidade de reescrita do texto bíblico, como também indica os muitos sentidos ocultos que esse texto possui, sentidos estes que o humor e a desconstrução provocados pela ironia são capazes de revelar. Tal ironia se faz notar ao trazer o tema da corrupção humana para dentro da arca: nem as águas que preenchem o mundo baixaram, os futuros habitantes deste já se revelam incapazes de habitá-lo com paz e justiça.

A referência à “palavra de seu pai” que nenhum dos filhos pode entender carrega toda uma carga irônica que o conto elabora ao apropriar-se do texto bíblico. A mescla de contrários que esse trecho expressa, ao aproximar e fazer conviver lado a lado referências míticas (Noé e seu desígnio divino) e históricas (as guerras do século XIX), sagradas e profanas, solenes e jocosas, mistura que se expressa também no plano da linguagem, pela mescla de palavras e expressões cheias de gravidade (“Vamos sair da arca, segundo a vontade do Senhor”, “viver no seio da paz e da concórdia.”), com outras menos elevadas (“Vai bugiar!” ou “Vai plantar tâmaras!”), despojadas de qualquer solenidade, dá o tom do gesto paródico encetado pelo narrador do conto, através do jogo que se permite refazer,

subvertendo o texto hebraico a uma nova escrita ficcional, marcada pelo humor e pela inventividade questionadora.

Ainda a respeito do trecho final do conto, é possível dizer que permite uma reflexão crítica acerca da religião, como instituição e como discurso, na medida em que associa a reconstrução do mundo empreendida por Noé e sua família, preservados da ação da cólera de Deus justamente para esse fim, a um ato comercial, no qual as disputas de fundo econômico têm muito mais valor que o significado religioso ou moral da ação futura que, segundo o texto hebraico, Noé e o seus realizaram.

Com base nesses aspectos, evidencia-se que o conto em questão reflete não somente sobre a ganância humana, mas também põe em discussão e dá a ver – de algum modo – a realidade, (incorporada à configuração artística do texto machadiano,) da estrutura social brasileira e do seu processo de formação, resultado, dentre outros fatores, da disputa territorial e da afirmação da propriedade privada.

Como afirma Gledson (2005, p. 35) “a capacidade de Machado de viajar no tempo e no espaço só aumenta o seu poder de falar do Brasil”; portanto, a recorrência ao texto bíblico não se esgota em aspirações de caráter unicamente universal, já que permite entrever questões relativas às peculiaridades do Brasil na época da produção do conto, relativas a todo o complexo e contraditório processo de configuração do país como estrutura social e política dentro do sistema mundo.

A presença de tal reflexão, no entanto, só se faz perceber a partir de uma leitura mais atenta do texto em questão. Disso decorre o fato de que Machado de Assis caracterizou-se por construir narrativas que se estruturam em dizer o não dito, sobre o fundamento do contraditório, da inversão. Apreender a história oculta por meio da aparente é caminho necessário para se chegar às questões mais profundas trabalhadas pelo fazer literário machadiano.

Compreender como o criador de Brás Cubas constrói uma narrativa oculta por meio da aparente é entender realmente como a sua obra reflete sobre as contradições existentes em nossa sociedade no século XIX e, ao lado disso, amplia questões inerentes à natureza humana, revelando a profunda ligação do autor com o seu tempo, dando mostras da sua visão questionadora e frequentemente cética, que não vê perspectiva redentora para o homem – ser contraditório – nem mesmo para aqueles que se encontravam na arca, preservados por Deus por serem tidos como justos.

Machado de Assis, como escritor comprometido com a sua realidade e com o seu tempo, soube mostrar a realidade por inteiro, valendo-se de ambiguidades e dissimulações para revelar um mundo volúvel, sob a aparente neutralidade das histórias convencionais. Para tal tarefa, não foi preciso prender-se ao critério documental e descritivo vigente à época, pois o autor, mesmo criando mundos fantásticos ou se distanciando para os imemoriais tempos bíblicos, jamais se desvinculou de seu tempo e sua época, propósito já defendido no artigo “Instinto

de Nacionalidade”<sup>4</sup> e concernente também ao conceito de realismo defendido por Lukács (2010).

O crítico observa que a forma escolhida pelo escritor para compor sua obra vai revelar sua posição em relação aos fatos descritos. Em outras palavras, a visão de mundo do escritor, sua capacidade de captar as mudanças sociais e políticas deve revelar que a forma escolhida para escrever não seja mera opção artística, mas sim uma percepção de mudança histórica, na qual o escritor tem um papel fundamental.

Discorrendo sobre a questão do realismo no ensaio *Narrar ou descrever*, Lukács se manifesta da seguinte forma sobre a importância da concepção de mundo do autor para a obra realista:

[...] o escritor precisa ter uma concepção de mundo sólida e profunda; precisa ver o mundo em seu caráter contraditório para ser capaz de selecionar como protagonista um ser humano em cujo destino se cruzem os contrários. As concepções do mundo próprias dos grandes escritores são variadíssimas e ainda mais variados são os modos pelos quais elas se manifestam no plano da composição épica. Na verdade, quanto mais uma concepção de mundo é profunda, diferenciada, alimentada por experiências concretas, tanto mais variada e multifacetada pode se tornar a sua expressão compositiva. (Lukács, 2010, p. 179)

Não há composição sem concepção de mundo. De fato, a posição de Machado diante do que narra não abandona a dimensão universal – já que tal universalidade está diretamente ligada aos conflitos e sentimentos da alma humana –, porém, simultaneamente, busca construir e aprofundar a experiência histórica brasileira, mesmo que o autor não enxergasse com otimismo o dia seguinte.

Voltando à narrativa do conto, a menção a um episódio atual – disputa territorial entre Rússia e Turquia – inserida no contexto bíblico do episódio da arca de Noé funciona como uma espécie de narração do destino dos indivíduos, tornando a narrativa realista, uma vez que revela traços humanos fundamentais. Há uma posição assumida pelo autor, a qual se pauta por uma liberdade de formas de expressão com o objetivo de encontrar a melhor maneira de dar a ver a sua concepção de mundo, pautada, como já foi dito, por um profundo comprometimento com as questões do seu tempo e, além disso, por um característico ceticismo/ questionamento quanto aos rumos da nação em que vivia.

Deus preservou Noé e os seus do castigo destinado aos outros homens, contudo os filhos de Noé agem conforme os castigados. Será que isso escapou à figura divina ou de fato as questões humanas devem ser entendidas excluindo-se essa visão de justos e pecadores? A essência do homem é contraditória e pende para o mal, pois, mesmo beneficiado pela bondade divina, por exemplo, as motivações pessoais, a busca por poder e controle levam-no a ignorar o bem recebido, os vínculos familiares e até a humanidade dos outros em favor próprio. Machado utiliza uma narrativa alegórica, no entanto é perceptível que a ganân-

<sup>4</sup> Assis, M. (2006). Instinto de nacionalidade. *Obra completa* (Vol. III, pp. 801-809). Rio de Janeiro: Nova Aguilar.

cia como motivadora das ações humanas por uma disputa territorial não deixa de suscitar uma reflexão sobre a lógica capitalista vigente, na qual a ambição se faz constante e de modo cruel inverte os valores da convivência em sociedade, reduzindo as relações humanas a relações fetichizadas<sup>5</sup>.

Esse é o processo de formação do mundo moderno e, mais especificamente, do Brasil, enquanto território invadido, dominado e marcado pela disputa territorial e pela prevalência da propriedade privada, questões tão antigas quanto a própria humanidade, de acordo com o que se verifica no conto.

Ainda segundo Lukács (2010), a literatura deve retratar as mudanças históricas e isso se dá de forma mais intensa e completa quando o autor tem experiências e vivencia os fatos, possibilitando, assim, transpor para a arte a realidade mais pura. Lukács privilegia a literatura que esteja ligada a uma realidade social vivenciada por meio da forma de narrar, em oposição ao modelo descritivo. Logo, o que se encontra no conto machadiano vem ao encontro do proposto pelo teórico.

O escritor brasileiro de fato vivencia a sua época, capta a totalidade em que vive, revelando o que há além da sociedade fetichizada, problematizando e discutindo a necessidade de superação de um mundo no qual a divisão do que é de todos em privilégio de poucos se tornou uma constante e assumiu uma aparência de normalidade. Cabe à literatura, portanto, contrapor-se a isso e revelar que a essência da vida em sociedade está além da aparência fantasmagórica da mercadoria, revelando que por trás da relação entre coisas está a relação entre homens; captando, desse modo, a essência na aparência (Bastos, 2011, p. 143).

Num contexto desumanizado, a arte defronta-se com um desafio: o de refletir a realidade social, o mundo dos homens, como uma totalidade viva formada pela unidade contraditória de essência e aparência. Esse desafio, segundo Lukács, leva o verdadeiro artista a desmascarar a impressão fantasmagórica, e revelar a aparência como aparência, como dissimulação da essência. Nesse momento, a arte espontaneamente entra em contradição com a ordem capitalista.

O escritor não se preocupou em tratar de forma abstrata a religião, com seus preceitos, dogmas e contradições, quando analisou a postura do homem frente a essa realidade; quis levar o seu leitor a entender como esse universo pode ser, e é, construído também a partir de fatores sociais e históricos. Machado de Assis mostra, então, como a literatura revela o processo de construção dessa contradição. O tom universalizante que muitas vezes predomina, em especial quando se pensa em bem e mal, virtudes e vícios e também na questão da salvação, não exclui a possibilidade de o conto voltar-se para os problemas locais. “Na verdade,

<sup>5</sup> No pensamento de Marx, “na sociedade capitalista, os objetos materiais possuem certas características que lhes são conferidas pelas relações sociais dominantes, mas que aparecem como lhes pertencessem naturalmente. Essa síndrome, que impregna a produção capitalista, é por ele denominada fetichismo da mercadoria enquanto depositário ou portador de valor. [...]” (Bottomore, 2001, p. 149). Assim, entende-se por fetichismo da mercadoria “o exemplo mais simples e universal do modo pelo qual as formas econômicas do Capitalismo ocultam as relações sociais a elas subjacentes [...]” (Bottomore, 2001, p. 150), fazendo com que as relações entre as pessoas se efetivem não nas relações do trabalho humano em si, mas na relação entre coisas que resultam desse trabalho.

sem intencionar fazer uma tese sobre o funcionamento da sociedade brasileira, Machado dá a ver que o mundo material e o espiritual se conectam, propiciando, assim, uma visão dialética da sociedade” (Bastos, 2011, p. 144). O pecado da ganância adentra a arca da salvação; sagrado e profano dividem o mesmo espaço e nem os eleitos por Deus escapam da lógica capitalista tão universalizada à época do autor quanto a história da arca de Noé.

A presença do humor machadiano é tão corrosiva que nem mesmo o universo sagrado lhe escapa. A paródia bíblica exemplificada pelo conto ilustra essa capacidade de relativizar o que era tido como absoluto, a fim de dar a ver as contradições inerentes ao ser humano e o resultado de suas ações – motivadas pelo egoísmo, pela ganância e pelo favorecimento próprio – no mundo que os cerca. Contudo, mesmo carregada de um tom universal – insistamos – a obra machadiana não perde seu caráter particular, uma vez que toda a abordagem de temas universais feita pelo autor nada mais é do que uma forma peculiar de processar o local, que permite a captação do mundo em sua totalidade.

## Referências bibliográficas

- Assis, M. (2007). Na arca – três capítulos inéditos do Gênesis. In J. Gledson (Ed.), *50 contos de Machado de Assis: seleção, introdução e notas John Gledson* (pp. 58-67). São Paulo: Companhia das Letras.
- Auerbach, E. (2007). A cicatriz de Ulisses. *Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental* (pp. 1-20). São Paulo: Perspectiva.
- Bastos, H. & Araújo, A. F. B. (Eds.). (2011). *Teoria e prática da crítica literária dialética*. Brasília: Editora Universidade de Brasília.
- Bottomore, T. (2001). *Dicionário do pensamento marxista*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Coutinho, A. (1959). *A Filosofia de Machado de Assis e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Livraria São José.
- Gledson, J. (2005). *Machado de Assis: impostura e realismo. Uma reinterpretação de Dom Casmurro*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Gledson, J. (2007). O machete e o violoncelo. *Por um novo Machado de Assis*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Gledson, J. (2007). Uma breve introdução aos contos de Machado de Assis. *50 contos de Machado de Assis selecionados por John Gledson*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Lukács, G. (2010). Narrar ou descrever. *Marxismo e teoria da literatura* (pp. 149-185) São Paulo: Expressão Popular.

## Resumo

No conto “Na arca”, de Machado de Assis, percebe-se que o autor toma para si, de forma irônica, o discurso bíblico presente no Gênesis, discutindo a ganância como reflexo da condição humana e questões relativas à realidade brasileira e a seu processo de formação. Diante disso, este trabalho pretende refletir como tal apropriação irônica relativiza um texto tido como sagrado, invertendo-lhe o sentido, além de questionar como a estrutura narrativa do conto e a temática nele presente abrem espaço para uma reflexão sobre o universal, ao tratar da ganância humana desde os tempos imemoriais da Bíblia – manifestada na disputa entre os filhos de Noé – até o século XIX – com a menção à Guerra da Crimeia. Ao recorrer ao texto sagrado – não a citações, como em outros textos, mas se valendo, ironicamente, do peculiar discurso bíblico –, o autor brasileiro não só deixa clara certa relativização do sagrado e, por consequência, intocável e absoluto, como também, pelo conteúdo que insere no discurso bíblico, uma problematização na tentativa de reinterpretação dos fatos narrados no Antigo Testamento, com

intuito de discutir as contradições humanas e as questões históricas e políticas que a narrativa do conto “Na arca” permite ver.

### **Abstract**

In Machado de Assis’s “Na arca”, an ironic appropriation of the biblical discourse present in Genesis is discussed, problematizing greed as a reflection of the human condition, and also discussing issues related to the Brazilian reality and its formation process. Thus, this work intends to reflect how such ironic appropriation relativizes a text considered as sacred, reversing its meaning, as well as problematizing how the narrative structure of the story and the theme in it present open space for a reflection on the universal, when dealing with human greed from the time immemorial of the Bible – manifested in the dispute between the sons of Noah –, until century XIX – with the mention to Crimean War. By recourse to the sacred text – not by using quotations as in other texts, but appropriating, ironically, the peculiar biblical discourse – the Brazilian author not only makes clear a certain relativization of the sacred and, consequently, untouchable and absolute, by the content that it inserts in the appropriate biblical discourse, a problematization in the attempt to reinterpret the facts narrated in the Old Testament, in order to discuss the human contradictions, but also the historical and political questions that the narrative of the story “In the ark” allows to see.